

DONATO CARRISI

**SOPRO
DO MAL**

Tradução de Joana Fabião

O que se diz sobre *Sopro do Mal*:

“Carrisi desafia o *serial killer*. E vence. Uma estreia literária convincente.”

CORRIERE DELLA SERA

“Para percebermos que estamos a lidar com um psicopata genial, possivelmente mais perigoso do que Hannibal Lecter, precisamos de passar por um verdadeiro pesadelo. O autor conhece o ritmo da narrativa, sabe como dosear o *suspense*, como introduzir uma pausa para deixar o leitor retomar o fôlego, antes de o arrastar de novo para o inferno.”

LA REPUBBLICA

“A estreia de um autor italiano que tem todos os ingredientes para ser um enorme sucesso. É uma história que não dá tréguas, que explora a zona cinzenta entre o bem e o mal até captar o último segredo, o mínimo sussurro.”

THRILLER MAGAZINE

“Um livro que se lê como se fosse um filme, visual (...). Partindo de casos reais, a narrativa rompe os limites do *thriller*, empurrando-o para lá do *cliché* do monstro para expor o lado obscuro da normalidade, aquele instinto natural de matar despertado pelo “sugridor”, a categoria mais subtil de *serial killer*.”

RSI – RADIOTELEVISIONE SVIZZERA

“Donato Carrisi oferece-nos um *thriller* potentíssimo, no fim do qual os leitores capazes de aguentar 460 páginas de emoção terão a certeza de uma revelação surpreendente.”

AFFARITALIANI.IT

Estabelecimento Prisional de [REDACTED]
Distrito Penitenciário n.º 45

Relatório do Director, Dr. Alphonse Bérenger
23 de Novembro

A/C do Gabinete do Procurador-Geral
J.B. Marin

Assunto: CONFIDENCIAL

Exmo. Sr. Marin

Tomo a liberdade de lhe escrever para dar conhecimento do estranho caso de um detido.

O sujeito em questão possui o número RK-357/9. A partir de agora referir-nos-emos a ele apenas desta forma, visto que nunca quis fornecer os seus dados.

A sua detenção teve lugar no dia 22 de Outubro. O homem deambulava de noite - sozinho e sem roupa - numa estrada de província na região de [REDACTED].

O confronto das suas impressões digitais com as existentes nos arquivos excluiu a participação do detido em delitos anteriores ou em crimes não resolvidos. Contudo, a reiterada recusa em revelar a própria identidade, até perante o juiz, valeu-lhe uma condenação a quatro meses e dezoito dias de reclusão.

Desde que entrou na penitenciária, o detido RK-357/9 nunca demonstrou sinais de indisciplina, demonstrando sempre respeito pelo regulamento prisional. Para mais, o indivíduo é de índole solitária, pouco inclinado a socializar.

Talvez por isso nunca ninguém tenha reparado no seu comportamento peculiar, só recentemente observado por um dos nossos guardas prisionais.

O detido RK-357/9 limpa obsessivamente com um pano de feltro todos os objectos com que entra em contacto, recolhe todos os pêlos e cabelo que perde quotidianamente, dá brilho até à exaustão aos talheres e à sanita todas as vezes que os usa.

Estamos então perante um maníaco da higiene ou, muito possivelmente, um indivíduo que quer a todo o custo evitar deixar "material orgânico".

Consequentemente, alimentamos uma forte suspeita de que o detido RK-357/9 terá cometido um crime de certa gravidade e nos quer impedir de recolher o seu ADN para que o possamos identificar.

Até ao momento o sujeito pôde partilhar a cela com um outro recluso, o que lhe permitiu confundir mais facilmente os seus vestígios biológicos. Porém, informo-o que como primeira medida retirámo-lo de tal condição de promiscuidade, colocando-o em isolamento.

Remeto este assunto ao gabinete de V. Exa. para poder accionar a investigação e requerer, se necessário, uma disposição urgente do tribunal que obrigue o detido RK-357/9 a efectuar a prova de ADN.

Agradeço a melhor atenção para os elementos supracitados, não deixando de salientar o facto de que daqui a exactamente 109 dias (12 de Março) o sujeito terminará o cumprimento da pena.

Atentamente

O Director
Dr. Alphonse Bérenger

1

*Algures perto de W.
5 de Fevereiro*

A grande falena levava-o, movendo-se de cor na noite.

Vibrava as suas asas empoeiradas, esquivando-se à cilada das montanhas, tranquilas como dois gigantes adormecidos, lado a lado.

Por cima delas, um céu de veludo. Por baixo, o bosque. Muito denso.

O piloto voltou-se para o passageiro e indicou, à sua frente, um enorme buraco branco no chão, semelhante à garganta luminosa de um vulcão.

O helicóptero voou naquela direcção.

Aterraram passados sete minutos na berma da estrada nacional. A estrada estava cortada e a área protegida pela Polícia. Um homem com um fato azul foi até debaixo da hélice acolher o passageiro, segurando a custo uma gravata esvoaçante.

– Bem-vindo Dr., estávamos à sua espera – disse em voz alta, para se sobrepor ao barulho do motor.

Goran Gavila não respondeu.

O agente especial Stern continuou:

– Venha, explico-lhe durante o caminho.

Seguiram por um carreiro acidentado, deixando para trás o barulho do helicóptero que recuperava altitude, sorvido pela escuridão.

A bruma escorregava como um sudário, despindo os perfis dos montes. À volta, os perfumes do bosque, misturados e adoçados pela humidade da noite que subia pela roupa, colando-se fria sobre a pele.

– Não foi fácil, posso-lhe assegurar, tem mesmo de ver com os seus próprios olhos.

O agente Stern caminhava alguns passos à frente de Goran, abrindo caminho com as mãos entre os arbustos, falando sem olhar para ele.

– Começou tudo hoje de manhã, por volta das onze. Dois miúdos passeavam pelo carreiro com o cão. Entram no bosque, sobem o monte e desembocam na clareira. O cão é um Labrador e, sabe, eles gostam de escavar... Conclusão, o animal quase que enlouquece pois farejou qualquer coisa. Escava um buraco. E aparece o primeiro.

Goran tentava manter o passo enquanto penetravam na vegetação cada vez mais cerrada ao longo da encosta que se tornava sempre mais ríspida. Notou que Stern tinha um pequeno rasgão nas calças, à altura do joelho, sinal de que naquela noite já tinha percorrido várias vezes aquele trajecto.

– Obviamente, os miúdos fugiram logo e avisaram a Polícia local – continuou Stern. – Os agentes chegam, examinam o local, procuram indícios. Em suma, todos os procedimentos de rotina. Depois, alguém se lembrou de escavar mais, para ver se havia mais alguma coisa... e apareceu o segundo!... Neste momento telefonaram-nos: já cá estamos desde as três. Ainda não sabemos quantas coisas estão lá em baixo. Pronto, chegámos...

Perante eles abria-se uma pequena clareira iluminada por holofotes – a boca de luz do vulcão. Repentinamente, os perfumes do bosque desapareceram e os dois foram assaltados por um inconfundível cheiro acre. Goran levantou a cabeça, deixando-se invadir pelo cheiro.

– Ácido fénico – disse para si mesmo.

E viu.

Um círculo de pequenas fossas. E uns trinta homens com fato-de-macaco branco que escavavam com aquela luz espectral e fria, munidos com pequenas pás e pincéis para remover delicadamente a terra. Alguns passavam a erva a pente fino, outros fotografavam e catalogavam com cuidado todos os achados. Moviam-se lentamente. Os seus gestos eram precisos, calibrados, hipnóticos, envolvidos por um silêncio

sagrado, apenas violado de vez em quando pelas pequenas explosões dos *flashes*.

Goran reconheceu os agentes especiais Sarah Rosa e Klaus Boris. Também lá estava Roche, o inspector-chefe, que o reconheceu e se dirigiu de imediato para o recém-chegado a passos largos. Antes de poder abrir a boca, Goran antecipou-se com uma pergunta.

– Quantos?

– Cinco. Cada um de cinquenta centímetros por vinte de largura e outros cinquenta de profundidade... Na tua opinião, o que é que se enterra em buracos assim?

Em todas uma coisa. A mesma coisa.

O crimonologista fixou-o, à espera.

A resposta chegou:

– Um braço esquerdo.

Goran voltou o olhar para os homens com fato-de-macaco branco ocupados naquele cemitério absurdo, a céu aberto. A terra restituía apenas restos pútridos, mas a origem daquele mal tinha de ser colocada antes daquele tempo suspenso e irreal.

– São eles? – perguntou Goran. Mas, desta vez, já conhecia a resposta.

– Segundo as análises efectuadas, são do sexo feminino. E são caucasianas, entre os 9 e os 13 anos...

Raparigas.

Roche pronunciara a frase sem nenhuma inflexão na voz. Como um escarro, que se não sai amarga a boca.

Debby, Anneke, Sabine, Melissa, Caroline.

Tudo começara vinte e dois dias antes, como uma pequena história de jornal de província: o desaparecimento de uma jovem estudante de um prestigioso colégio para filhos de ricos. Todos tinham imaginado que se tratava de uma fuga. A protagonista chamava-se Debby, tinha 12 anos. Os seus colegas lembravam-se de a ter visto sair no final das aulas. No dormitório feminino deram conta da sua ausência apenas durante a chamada nocturna. Tinha todo o ar de ser uma daquelas histórias de meio artigo na terceira página que depois desaparece à espera de um final feliz óbvio.

Porém, depois desaparecera Anneke.

O desaparecimento ocorrera numa pequena aldeia com casas de madeira e uma igreja branca. Tinha 10 anos. Inicialmente tinham

pensado que se tivesse perdido no bosque, onde se aventurava frequentemente com a sua bicicleta de montanha. Toda a população tinha participado nas buscas. Mas sem êxito.

Antes que pudessem dar-se conta do que realmente se passava, voltou a acontecer.

A terceira chamava-se Sabine, era a mais pequena. Sete anos. Tinha tinha lugar numa cidade, num sábado à noite. Fora com os pais ao parque de diversões, como tantas outras famílias com filhos. Subiu para um cavalo do carrossel cheio de crianças. A sua mãe viu-a passar a primeira vez e disse-lhe adeus, acenando com a mão. Na segunda volta, repetiu o aceno. À terceira volta, Sabine já não estava lá.

Só então alguém começou a sugerir que três raparigas desaparecidas em apenas três dias constituíam algo fora do comum.

A procura tinha tido início em grande estilo. Houve apelos televisivos. Falou-se desde logo de um ou mais maníacos, talvez um bando. Na realidade, não existiam elementos para formular qualquer hipótese de investigação. A Polícia tinha criado uma linha telefónica propositadamente para recolher informações. Chegaram centenas de informações, que para serem verificadas implicariam meses. Mas, das raparigas, nenhum sinal. Para mais, tendo os desaparecimentos ocorrido em locais diferentes, as diferentes autoridades locais não conseguiam estabelecer um acordo relativamente à jurisdição.

A unidade de investigação para crimes violentos, dirigida pelo inspector-chefe Roche, só então interveio. Os casos de desaparecimento não faziam parte das suas funções, mas a psicose crescente tinha levado a que se abrisse uma excepção.

Roche e os membros da sua equipa participavam no caso, já na altura bastante mediatizado, quando desaparecera a rapariga número quatro.

Melissa era a mais velha: 13 anos. Como todas as raparigas da sua idade, também a ela os pais tinham imposto um horário para voltar para casa, porque temiam que pudesse ser vítima do maníaco que estava a aterrorizar o país. Mas a clausura forçada tinha coincidido com o dia do seu aniversário e Melissa tinha outros planos para aquela noite. Inventou um pequeno plano de fuga, com as suas amigas, para ir festejar numa sala de *bowling*. As colegas estavam lá todas. Melissa foi a única a não aparecer.

A partir daí teve início uma confusa e improvisada caça ao monstro. Os cidadãos mobilizaram-se, prontos até para fazer justiça com as próprias mãos. A Polícia tinha espalhado brigadas para operações de bloqueio nas estradas. O controlo de sujeitos já condenados ou suspeitos de crimes contra menores tornou-se mais apertado. Os pais, com medo, não deixavam os filhos sair de casa nem ir para as aulas. Muitas escolas tinham fechado por falta de alunos. As pessoas só saíam de casa quando estritamente necessário. Depois de uma certa hora, as aldeias e as cidades ficavam desertas.

Durante alguns dias não houve notícias de novos desaparecimentos. Muitos tinham começado a pensar que todas as medidas e precauções tinham tido o efeito esperado, desencorajando o maníaco. Mas enganavam-se.

O sequestro da quinta rapariga foi o mais clamoroso.

Chamava-se Caroline e tinha 11 anos. Tinha sido retirada da sua cama, enquanto dormia no quarto ao lado dos pais, que não se aperceberam de nada.

Cinco raparigas raptadas em apenas uma semana. Depois, dezassete longos dias de silêncio.

Até àquele momento.

Até àqueles cinco braços enterrados.

Debby, Anneke, Sabine, Melissa, Caroline.

Goran voltou a olhar para o círculo das pequenas fossas. Uma macabra roda, como nos jogos tradicionais de crianças, em que se brincava de mãos dadas. Parecia quase ouvi-las cantar uma cantilena.

– A partir de agora fica claro que já não se trata de casos de desaparecimento – dizia Roche, enquanto, com um gesto, convidava todos a juntarem-se à sua volta, para um breve discurso.

Era um hábito que tinha. Rosa, Boris e Stern dirigiram-se para perto dele e seguiram o discurso, com os olhos baixos e as mãos cruzadas atrás das costas.

Roche começou:

– Penso em quem nos trouxe até aqui esta noite. Penso em quem previu que tudo isto acontecesse. Nós estamos aqui porque *ele* quis, porque *ele* o imaginou. E construiu tudo isto para nós. Porque o espectáculo é para nós, senhores. Só para nós. Preparou-o cuidadosamente.

Saboreando o momento, a nossa reacção. Para nos surpreender. Para nos dizer que é grande e potente.

Concordaram.

Quem quer que fosse o autor, tinha agido tranquilamente.

Roche, que já há algum tempo tinha incluído Gavila na equipa, apercebeu-se que o criminologista estava distraído, com os olhos imóveis seguindo um pensamento.

– Dr. Goran, o que pensa disto?

Então Goran saiu do silêncio a que se tinha entregue e disse apenas:

– Os pássaros.

De início, ninguém percebeu.

Ele prosseguiu, impassível:

– Não me tinha apercebido ao chegar, só reparei agora. É estranho.

Oiçam...

Do bosque escuro levantava-se *a voz de milhares de pássaros*.

– Cantam – disse Rosa, surpreendida.

Goran voltou-se para ela e fez um sinal de assentimento.

– São os holofotes... pensam que esta luz seja a aurora. E cantam – comentou Boris.

– Parece-vos que faça sentido? – retomou Goran, olhando, desta vez, para eles – E, contudo, acaba por fazer... Cinco braços enterrados. Pedacos. Sem os corpos. Se quisermos, não há nenhuma verdadeira crueldade em tudo isto. Sem os corpos não há rostos. Sem rostos não há indivíduos, pessoas. Temos só de nos perguntar: “Onde estão aquelas raparigas?”. Porque não estão ali, naquelas fossas. Não as podemos olhar nos olhos. Não podemos sentir que são como nós. Porque, na realidade, não há nada de humano nisto. São *só partes...* Nenhuma compaixão. Ele não nos permitiu. Apenas nos deixou o medo. Não podemos sentir piedade por aquelas pequenas vítimas. Quer apenas que saibamos que estão mortas... Parece-vos que faz sentido? Milhares de pássaros no escuro obrigados a gritar à volta de uma luz falsa. Nós não os podemos ver mas eles observam-nos – milhares de pássaros. O que são? Uma coisa muito simples. Mas também o fruto de uma ilusão. É preciso ter cuidado com os ilusionistas: o mal por vezes engana-nos assumindo a forma mais *simples* das coisas.

Silêncio. Mais uma vez o criminologista tinha colhido um pequeno e expressivo significado simbólico. O que os outros muitas vezes não

conseguiam ver ou – como neste caso – ouvir. Os detalhes, os contornos, as tonalidades. A sombra à volta das coisas, a atmosfera escura onde se esconde o mal.

Cada assassino tem um “desenho”, uma forma particular que lhe dá prazer, orgulho. A tarefa mais difícil é perceber qual é a sua visão. Por isso Gordan estava ali. Por isso o tinham chamado. Para que mandasse embora aquele mal inexplicável através das noções tranquilizadoras do seu conhecimento científico.

Naquele preciso instante um dos homens com fato-de-macaco branco da equipa científica aproximou-se deles, dirigindo-se directamente ao inspector-chefe com uma expressão confusa no rosto.

– Inspector, temos um problema... *os braços agora são seis.*